

**Mulheres**

**nas**

**eleições**

**2010**

**José Eustáquio Diniz Alves**  
**Céli Regina Jardim Pinto**  
**Fátima Jordão**  
Organizadores

# **Quem vota em quem: um retrato das intenções de voto nas eleições para presidente em setembro de 2010\***

**Suzana Cavenaghi\*\*  
José Eustáquio Diniz Alves\*\*\***

A literatura brasileira é rica nos estudos sobre os determinantes do voto. Singer (2000), analisando as eleições de 1989 e 1994, considera que a divisão ideológica entre esquerda e direita foi decisiva na escolha do eleitor. Porém, esta configuração ideológica não é estanque. Ao abordar as eleições presidenciais de 2006, Singer (2009, p. 84) faz uma distinção entre petismo e lulismo, afirmando que “O subproletariado, que sempre se manteve distante de Lula, aderiu em bloco à sua candidatura depois do primeiro mandato, ao mesmo tempo em que a classe média se afastou dela”.

Rennó e Cabello (2010) também analisam o descolamento entre o voto em Lula e o voto no Partido dos Trabalhadores (PT), mostrando a distribuição diferenciada das forças sociais e espaciais que apoiam o lulismo e o petismo. Terron e Soares (2010) analisam a “dinâmica geossocial” do distanciamento da votação de Lula e dos candidatos do PT a deputado federal. Os autores consideram que: “O Programa Bolsa Família, principal responsável pela guinada abrupta da base eleitoral do presidente Lula para o norte e no nordeste, em 2006, cria um vínculo entre o eleitor e o presidente sem a intermediação de outros atores políticos, e permite uma aproximação maior com os prefeitos, independente de partido” (TERRON; SOARES, 2010, p. 25).

---

\* As opiniões expressas neste trabalho são dos autores e não necessariamente refletem aquelas da Instituição de afiliação.

\*\* Doutora em demografia, professora e pesquisadora da Escola Nacional de Ciências Estatísticas (Ence) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

\*\*\* Doutor em demografia, professor e pesquisador da Escola Nacional de Ciências Estatísticas (Ence) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Dessa forma, a ideologia não deixa de ser um fator importante da decisão do voto, mas as bases sociais que sustentam as forças de esquerda e direita podem mudar a partir das ações das várias forças sociais e políticas e, principalmente, diante da presença de um líder carismático como o ex-presidente Lula. Neste quadro, a capacidade de transferência de votos é decisiva para os resultados eleitorais.

Por outro lado, para Reis (2010), a criação de identificações político-partidárias estáveis em torno do PT e do PSDB poderia redundar num sistema partidário consolidado e com menores disputas ideológicas. Lourenço (2007) sugere que, a despeito da ideologia, as estratégias adotadas durante a campanha eleitoral interferem na escolha do voto. Já Carreirão (2004) mostra que os eleitores não são indiferentes às características pessoais dos candidatos, como carisma, personalidade, qualificação pessoal e profissional, etc.

Almeida (2008) aborda os determinantes do voto a partir do desempenho das forças de situação e oposição, pois uma administração governamental bem avaliada é um fator decisivo para a tomada de decisão do eleitorado. Oliveria (2010, p. 8), sintetizando diversas contribuições, lista cinco motivações que podem determinar as escolhas dos eleitores: “1) Ideologia; 2) Guia eleitoral/Estratégias de campanha; 3) Características do candidato; 4) Administração bem avaliada; 5) Situação econômica do país ou do eleitor”.

Segundo Guedes (2010), as condições econômicas e sociais do Brasil, em 2010, favoreciam fortemente a candidatura de Dilma Rousseff, que tendia a ter mais votos nas regiões Norte e Nordeste, entre o eleitorado masculino, nos eleitores adultos e idosos e entre aqueles com menores níveis de renda e escolaridade. De modo geral, este foi o quadro indicado de intenções de voto, ao longo de 2010, nas pesquisas divulgadas pelos quatro principais Institutos brasileiros que realizaram pesquisas no período eleitoral (Datafolha, Ibope, Sensus e Vox Populi).

De fato, o posicionamento ideológico e a identificação entre o eleitor, o candidato e o partido não seguem uma racionalidade rígida, pois o sistema político brasileiro é muito flexível e amorfo e não segue o mesmo padrão em todas as regiões do país, apresentando idiosincrasias de todo tipo. Embora a maioria das análises das médias das intenções de votos dos diversos *surveys* nacionais reforce as características típicas dos eleitores de Dilma Rousseff – vale dizer, pessoas mais à esquerda, mais pobres, menos escolarizadas, católicas, do sexo masculino, de meia idade e das regiões menos desenvolvidas –, na prática existe uma transversalidade entre as variáveis sociais, espaciais e demográficas.

O objetivo deste trabalho é realizar uma análise multivariada, que permita identificar grupos de indivíduos com perfis semelhantes com relação à intenção de voto declarada aos três candidatos com maior porcentagem de intenções de voto na eleição para presidente da República em 2010. Será dada ênfase específica a questões de gênero, controlando por variáveis sociodemográficas e comportamentais dos eleitores. Para cumprir esse objetivo, apresentam-se, em primeiro lugar, as características dos dados e uma descrição das variáveis e métodos utilizados. Na seção seguinte, analisa-se o perfil dos eleitores com relação à intenção de voto declarada, a partir de duas abordagens: uma análise exploratória simples; e uma multivariada (classificação por árvore de decisão). Finalmente, buscam-se respostas à pergunta sobre quais fatores mais afetavam as intenções de voto nas eleições para presidente de 2010 naquele momento da pesquisa, a partir de um modelo logístico multivariado.

## Dados e métodos

### *Dados*

Os dados utilizados neste trabalho são oriundos da pesquisa de campo elaborada especificamente para os propósitos do projeto "Mulheres nas eleições de 2010: Consórcio Bertha Lutz", doravante identificada como Ibope/CBL 2010. Este levantamento de dados teve que ser adaptado para se encaixar em um modelo de survey desenhado pelo instituto de pesquisa que realizou o campo, o Ibope Inteligência. Foi produzido um questionário<sup>1</sup> com cerca de 40 perguntas, das quais algumas eram simples e outras compostas com vários subitens,<sup>2</sup> seguindo uma estrutura utilizada para coletar informações sobre intenções de voto para eleições presidenciais e, também, características e opiniões dos eleitores entrevistados. A coleta de dados se deu basicamente na terceira semana de setembro de 2010, com algumas entrevistas realizadas na última semana, ou seja, nos 15 dias anteriores à realização do primeiro turno das eleições de 2010.

O modelo de amostragem utilizado é o de conglomerados em três estágios, com os dois primeiros selecionados de forma probabilística e o último por cotas. No primeiro estágio foram selecionados os municípios por meio do método de Probabilidade Proporcional ao Tamanho (PPT), ordenados por tamanho dentro dos Estados, com base nos votantes de

<sup>1</sup> O questionário completo pode ser solicitado à coordenação da pesquisa.

<sup>2</sup> As entrevistas duravam de 30 a 40 minutos.

16 anos ou mais de cada município, obtidos a partir dos dados registrados no TSE nas eleições de 2008. No segundo estágio foram selecionados os setores censitários com amostra PPT sistemática. A medida de tamanho é a população de 16 anos ou mais residente nos setores. No terceiro e último estágio foram selecionados de maneira não probabilística em cada setor, um número fixo de respondentes segundo cotas das variáveis<sup>3</sup> sexo, idade, grau de instrução e setor de atividade laboral, que representavam a distribuição destas variáveis segundo resultados do Censo Demográfico de 2000.

Em sua maioria, as entrevistas foram realizadas nos domicílios residenciais, mas, para completar as cotas, foram entrevistadas algumas pessoas no local de trabalho e algumas ainda na rua, porém, todas eram residentes do setor censitário correspondente. O procedimento de abordagem dentro de um setor é feito por face de quadra, onde uma é selecionada aleatoriamente para início e se dá sequência às entrevistas até completar a cota preestabelecida. Todo o procedimento adotado busca melhorar o espalhamento da amostra, mas ressalta-se que o plano amostral da pesquisa utilizada pelo Ibope Inteligência é por cotas e, portanto, não se trata de uma pesquisa amostral probabilística. Assim, as medidas estimadas por inferência estatística e medidas de associação de erro apresentadas neste trabalho devem ser tomadas com os devidos cuidados, pois representam somente uma aproximação, com grau de confiança não conhecido, ao que seria uma amostra aleatória simples, caso existisse uma lista de eleitores (universo) com as variáveis utilizadas nas cotas conhecidas previamente.

Deve-se ressaltar que o plano amostral incluiu uma sobreamostragem de dois Estados (São Paulo e Bahia), onde foram realizadas pesquisas com técnica de grupos focais (analisados em outro capítulo desse livro), com a intenção inicial de buscar maior representatividade para o survey nestes Estados, com um total de 2.310 entrevistas realizadas. Para a análise aqui realizada, esta sobreamostragem foi reponderada de forma a representar a população de eleitores de maneira proporcional nos Estados, com um total de 2.002 entrevistas.

### *Variáveis e indicadores*

<sup>3</sup> As categorias utilizadas para as variáveis foram: sexos masculino e feminino; idade em grupos de 16-17, 18-24, 25-29, 30-39, 40-49, 50-69 e 70 anos e mais; grau de instrução de pessoa com até 4ª série do ensino fundamental, de 5ª à 8ª série do ensino fundamental e ensino médio e superior; e os setores de atividade foram agricultura, indústria de transformação, indústria de construção, outras indústrias, comércio, prestação de serviços, transporte e comunicação, atividade social, administração pública, outras atividades, estudantes e inativos.

Nesta seção descrevem-se as variáveis, com suas categorias utilizadas e os indicadores calculados para utilização neste capítulo. Deve-se chamar atenção, inicialmente, para o fato de que algumas variáveis escalares foram coletadas de forma agregada, como, por exemplo, idade e anos de estudo, mas são informações coletadas diretamente no questionário. Os indicadores, em geral, foram calculados a partir da combinação de mais de uma variável e aqui se apresenta o método utilizado para estimação e agregação destes dados.

#### Variáveis sociodemográficas e econômicas dos eleitores

Com relação às regiões de residência dos eleitores, vale um esclarecimento metodológico. Estas foram agrupadas para permitir uma análise mais consistente, dado o tamanho reduzido da amostra, o que dificultaria análises individuais para as Regiões Norte e Centro-Oeste. Assim, tomando-se por base a maior semelhança regional na distribuição das intenções de voto, utilizaram-se três agrupamentos de regiões: Norte e Nordeste; Sudeste; e Sul e Centro-Oeste.

As características sociodemográficas e econômicas dos eleitores consideradas para análise foram: sexo; idade (menos de 29, 30-49 e 50 anos ou mais); raça/cor (branca, parda, preta e outra); grau de instrução (até 4a. série, 5a. série a ensino médio e ensino superior; “classe social” (A/B, C e D/E); renda familiar total (NS/NR, 0-1 s.m., 2-5 s.m. e mais de 5 s.m.); condição de atividade laboral (não trabalha e trabalha); região de residência (Norte e Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste); religião (católicos e não-católicos); frequência a culto (NS/NR, nunca, menos uma vez por mês, 1-3 vezes por mês, uma vez por semana e mais de uma vez por semana); recebimento de programa social (sim e não). As variáveis que não têm categoria de não resposta tiveram estes valores imputados pelo valor médio, uma vez que o percentual de não resposta era muito pequeno.

#### Indicadores e índices de comportamento social, político e cultural dos eleitores

As características dos candidatos incluídas na análise são provenientes de duas perguntas no questionário. A primeira era: “Quais destas características dos candidatos você leva em consideração no momento de definir o seu voto para presidente nesta eleição?”. Foram apresentadas aos entrevistados 16 características, que se referiam a dimensões distintas: partido político; experiência política; programa de governo; experiência administrativa; idade; sexo (se é homem ou mulher); raça; religião; região

de nascimento; grau de escolaridade; simpatia; inteligência; honestidade; aparência; age com o coração; e opção sexual (homossexual X heterossexual). A segunda questão procurava identificar que dimensão destas características o eleitor mais levava em consideração no momento de decidir o voto: “O que é mais importante para você na hora de votar em um candidato para presidente da República? Você diria que é a pessoa do candidato, o partido, suas propostas ou o seu passado político, o que ele já fez?”.

Os indicadores de comportamento que foram definidos a partir de perguntas diretas do questionário foram:

- *Votaria em mulher*, com a pergunta “Você votaria ou não votaria em uma mulher para presidente?”, com as seguintes alternativas: 1) Votaria; 2) Não votaria; 3) Depende (espontânea); 8) Não sabe; 9) Não respondeu;
- *Aprovação do governo Lula*, com a pergunta “Como você classifica, até o momento, a administração do Presidente Lula?”, com as alternativas 1) Ótima; 2) Boa; 3) Regular; 4) Péssima; 5) Ruim; 8) Não sabe e 9) Não respondeu;
- *Votaria em indicação de Lula*, com a pergunta “O fato de o presidente Lula apoiar um candidato à Presidência nas eleições desse ano faz com que você:” 1) Com certeza vote neste candidato; 2) Venha a votar, dependendo do candidato; 3) Não vote de jeito nenhum em um candidato apoiado pelo presidente Lula; 4) Outra resposta, 8) Não sabe, 9) Não respondeu.

Os demais indicadores foram definidos a partir da combinação de perguntas com escalas de respostas que iam de 1 a 5 para caracterizar concorda totalmente até discorda totalmente. A partir de análise de redução de dimensão dos dados, com a utilização de análise fatorial e extração dos fatores pelo método das componentes principais, chegou-se a indicadores-resumo. O método aplicado busca identificar variáveis latentes, ou fatores, que explicam os padrões de correlações em uma série de variáveis observadas. Após a identificação destes fatores, os valores (*scores*) foram classificados em 3 ou 4 categorias, empregando-se o método de agrupamento conhecido como *k-means*, que permite a classificação de grupos relativamente homogêneos internamente com base na distribuição dos casos. Os indicadores estimados (e suas categorias) e as perguntas escalares utilizadas foram:

- *Fator de gênero na sociedade* (mais liberal, moderado, mais conservador), a partir das afirmações: 1) O homem é mais inteligente

que a mulher; 2) A educação dos filhos é responsabilidade da mãe; 3) O trabalho doméstico é tarefa da mulher; 4) O homem deve ser o principal responsável pelo sustento da família; e 5) As mulheres devem se casar virgens;

- *Fator de gênero na política* (liberal, moderado, conservador), com as perguntas: 1) De um modo geral, as mulheres têm força suficiente para enfrentar a política? 2) Muitos brasileiros estão preparados para eleger uma mulher presidente da República? e 3) De um modo geral, gays ou lésbicas são tão bons líderes quanto os heterossexuais?;
- *Fator homossexualismo e aborto* (liberal, neutro-liberal, neutro-conservador, conservador), a partir da concordância ou discordância do entrevistado em relação às seguintes afirmações: 1) Sou a favor da união de pessoas do mesmo sexo; e 2) A mulher deveria ter o direito de decidir se continua uma gravidez ou se faz um aborto;
- *Fator consciência racial* (alta, neutra, baixa) criada a partir das afirmações: 1) Os negros têm muito do que se queixar no Brasil; e 2) Mulheres negras sofrem mais preconceito do que mulheres brancas;
- *Fator boa governança com mulheres* (aumentaria, neutro, diminuiria), criado com a pergunta “Caso mais mulheres fossem eleitas, o que você acha que aconteceria com o(a) (leia cada item abaixo), você diria que aumentaria ou diminuiria?” itens: 1) honestidade na política; 2) competência na política; 3) compromisso com eleitores; 4) capacidade administrativa; 5) autoridade dos governantes; 6) grau de democracia do país; 7) o bem-estar da população; e 8) o prestígio do Brasil no exterior;
- *Fator convivência com corrupção* (nenhuma, justificada, moderada/total), estimado a partir de duas perguntas colocando situações específicas de corrupção e perguntando ao entrevistado como ele considerava a situação: 1) É corrupção e ela deve ser castigada; 2) É corrupção, mas se justifica; ou 3) Não é corrupção. A primeira situação era: “Imagine uma situação em que uma mãe com vários filhos precisa tirar uma certidão de nascimento para cada um deles. Para não perder tempo esperando, ela paga R\$10 reais para um funcionário público”. A segunda era: “Uma pessoa desempregada é cunhada de um político importante e esse usa sua posição para arrumar-lhe um emprego”.
- *Fator regime democrático* (a favor, favor/neutro, contra), definido a partir da composição de duas perguntas. A primeira dizia: “Com

qual das seguintes frases você está mais de acordo: 1) A democracia é preferível a qualquer outra forma de governo; 2) Para pessoas como eu, tanto faz um regime democrático ou um não democrático, ou; 3) Em algumas circunstâncias, um governo autoritário pode ser preferível a um democrático?” A segunda pergunta era: “Existem pessoas que dizem que precisamos de um líder forte, que não seja eleito através do voto. Outros dizem que, ainda que as coisas não funcionem, a democracia eleitoral, ou seja, o voto popular é sempre o melhor. O que você pensa?”, com as seguintes alternativas de resposta: 1) Necessitamos de um líder forte que não seja eleito através do voto; ou 2) A democracia eleitoral é o melhor.

É importante ressaltar que o *survey* realizado pelo Ibope para o Consórcio Bertha Lutz, nas duas últimas semanas de setembro de 2010, ocorreu em um período em que a candidatura Dilma Rousseff registrava índices que apontavam a vitória no primeiro turno. Neste período, a candidata do PT não apenas apresentava bom desempenho entre as parcelas mais pobres e menos escolarizadas do eleitorado, mas também tinha amplo apoio das “classes médias”, especialmente das Regiões Norte e Nordeste. Assim, os resultados deste *survey* são úteis para verificar as diferenças sociodemográficas e comportamentais nas intenções de voto, permitindo um retrato do quadro eleitoral daquele momento, ou quem votaria em quem se o contexto tivesse permanecido o mesmo até o momento da eleição.

### *Métodos e abordagem de análise*

A análise das intenções de voto pode ser empreendida de vários pontos de vista. Sabe-se que as características individuais e as posturas ideológicas e políticas dos eleitores podem afetar as escolhas, assim como as características institucionais e partidárias de vinculação dos candidatos, sendo que todas estas são mediadas pelo contexto sociopolítico corrente e pelas estratégias de *marketing* em que se dão as eleições. O questionário da pesquisa com os eleitores buscou levantar características que cobrem vários destes aspectos mencionados, para avaliar quais e de que maneira afetavam a escolha dos eleitores nas eleições presidenciais de 2010. No entanto, deve-se estar atento que as variáveis utilizadas são informações coletadas com o eleitor (suas opiniões e declarações) e não constituem medidas externas sobre, por exemplo, as características do candidato.

Para a análise dos dados neste trabalho utiliza-se, em primeiro lugar, uma análise exploratória das intenções de voto segundo características

socioeconômicas e demográficas dos eleitores, a partir de uma relação bivariada, considerando também como esta relação se dá em nível regional e apresentando uma análise exploratória multivariada destas relações por meio de um modelo de classificação em árvore. Em segundo lugar, apresenta-se uma análise exploratória das intenções de voto segundo características comportamentais dos eleitores, partindo de uma análise exploratória multivariada, também com a aplicação de modelos de classificação em árvore. As variáveis comportamentais são separadas em duas categorias: aquelas que indicam quais as características dos candidatos são levadas em consideração pelo eleitor no momento da definição de seu voto para presidente da República; e aquelas que indicam posturas ideológicas, políticas e culturais. Por último, todas as categorias de características dos eleitores são avaliadas conjuntamente em um modelo logístico multinomial, que investiga quais destas características apresentam relações mais fortes e estatisticamente significante com a intenção de voto declarada pelo eleitor, em momento anterior ao primeiro turno nas eleições presidenciais de 2010.

A variável dependente nas análises multivariadas é a intenção de voto. Em um primeiro momento, nos modelos de classificação em árvore, esta é definida em quatro categorias, que incluem os três candidatos mais votados, e uma categoria que engloba todas as demais respostas dadas (1% de outros candidatos, “não sabe”, “não responde”, brancos e nulos), utilizando-se, assim, as informações de todos os entrevistados, que totalizam 2.002 eleitores. Posteriormente, para a análise logística multinomial, utilizam-se somente os dados de intenções de voto nos três candidatos mais votados (o que corresponde às respostas de 1.660 eleitores). As variáveis dependentes utilizadas e suas categorias foram definidas na seção anterior e, a seguir, apresenta-se uma breve descrição dos modelos estatísticos empregados, visando familiarizar o leitor com os pressupostos e objetivos dos modelos, assim como explicitar algumas escolhas de parâmetros e técnicas selecionadas para o ajuste.

#### Modelo de classificação em árvore

Para a análise exploratória múltipla, foi selecionado o modelo de classificação por árvore de decisão, proposto inicialmente por Hunt, Marin e Stone (1966) e com vários desenvolvimentos posteriores. Tal modelo classifica os casos/observações (eleitores) em grupos com relação a uma variável dependente (intenção de voto), baseando-se nos valores das variáveis independentes (sociodemográficas e comportamentais). O modelo

pode ser usado para identificar pessoas que têm probabilidade de serem membros de um grupo em particular. A maior vantagem deste modelo é sua fácil interpretação para o evento em análise.

O método permite a estimação de uma medida de risco que indica qual a veracidade de predição do ajuste. Para uma variável dependente categórica, como é o caso das intenções de voto, esta medida indica a proporção de casos classificados incorretamente. A técnica também possibilita a estimação de uma tabela de classificação de dados observados para a variável dependente, comparados com dados preditos no modelo para cada categoria da variável.

O ajuste do modelo parte de um único grupo com a distribuição para a variável dependente e a partir daí busca as variáveis no modelo para que a árvore vá crescendo em forma de nós. Existem vários métodos para estimar quais variáveis independentes, da lista incluída no ajuste, devem fazer parte dos diferentes ramos da árvore de decisão. No presente trabalho, selecionou-se o método conhecido como *Exhaustive CHAID*, que examina todas as separações possíveis por método de máxima verossimilhança. A cada passo, o modelo escolhe, entre as variáveis independentes, qual tem a interação mais forte com a variável dependente (intenção de voto). As categorias das variáveis independentes são agrupadas se estas não forem estatisticamente diferentes com respeito à variável dependente. Duas restrições foram colocadas no modelo: o número máximo de níveis/ramos seria três; e cada agrupamento superior necessitaria de, pelo menos, 100 casos e o nó inferior de, pelo menos, 50 casos.

### Modelo logístico multinomial

O modelo logístico multinomial é apropriado para análise de eventos em que a variável de interesse (variável dependente) é categórica e não apresenta ordenamento natural e igualmente espaçado. Se a variável tem somente duas categorias, o modelo logístico binário pode ser aplicado, mas, com três ou mais categorias para a variável dependente, deve-se utilizar um modelo multinomial, como bem detalhado e exemplificado por Hosmer e Lemeshow (2000).

A variável dependente neste ajuste (a intenção de voto) não inclui a categoria residual (candidatos menos votados, indecisos e nulos), dada a dificuldade de comparação desta com as demais categorias (intenção de voto em Dilma, Serra e Marina). Adicionalmente, como o objetivo é analisar a participação das mulheres nas eleições, utilizou-se a intenção de voto em Serra como categoria de referência da variável dependente.

Ou seja, com o ajuste deste modelo, buscam-se as relações para cada covariável, ao compará-la à variável dependente em pares binários, isto é, comparação de Dilma com Serra e de Marina com Serra em relação a um fator específico, como sexo do eleitor.

A comparação entre as variáveis é feita pela razão de chances, que corresponde ao cociente da probabilidade de escolher o candidato da categoria de comparação em relação ao candidato de referência. Como o modelo multinomial pode ser aproximado por modelos logísticos binomiais separados (HOSMER; LEMSHOW, 2000), a seleção de variáveis para o melhor ajuste do modelo foi feita pelo método *forward stepwise*, em que cada variável vai sendo acrescentada no ajuste e, se os testes estatísticos indicarem que ela agrega informação de maneira significativa no modelo, a variável permanecerá. O *software* utilizado para o ajuste foi o SPSS, com o procedimento NOMREG.

As categorias de referência das covariáveis foram definidas de forma que fosse facilitada a comparação entre cada par binário da variável dependente. As categorias utilizadas estão indicadas na tabela de resultados do modelo (Tabela 4). Adicionalmente, várias medidas de qualidade do ajuste do modelo são analisadas, como Pseudo  $R^2$  de Cox e Snell de Nagelkerke e de McFadden, além da tabela de classificação de dados observados *versus* preditos para a variável dependente.

### **Perfil dos eleitores: análise exploratória**

Como mencionado, o contexto específico de cada momento eleitoral e as estratégias de campanha são muito importantes no resultado final das eleições. Na atualidade, as estratégias de campanha têm se baseado enormemente em resultados de pesquisas que buscam identificar os perfis dos eleitores para os quais deveriam ser dirigidas estratégias específicas, ou ainda traçados planos de ações globais. Assim, a busca por entender quem é o eleitor que vota em um ou outro candidato é constante ao longo da campanha e pode mudar rumos anteriormente previstos. Nesta seção, busca-se explorar quais eram as características sociodemográficas e econômicas que indicavam intenção de voto maior ou menor para os três candidatos mais bem posicionados para a eleição de presidente da República, durante a realização da pesquisa de campo. Esta análise, em um primeiro momento, é tomada a partir de uma visão exploratória simples das características dos eleitores, mas agregando um enfoque regional. Em seguida, procura-se explorar de que maneira estas variáveis tomadas em conjunto, numa análise exploratória multivariada, identificam grupos

com distintas distribuições de intenções de voto para os eleitores em geral e, posteriormente, como o sexo do eleitor pode ou não diferenciar perfis distintos nas intenções de voto.

### *Características sociodemográficas, econômicas e regionais dos eleitores e a intenção de voto*

As variáveis utilizadas para identificar o perfil sociodemográfico e econômico dos eleitores e a descrição das categorias consideradas para análise nesta seção estão detalhadas na Tabela 4. Estas variáveis consideram informações sobre idade, sexo, raça/cor, educação, “classe social”, rendimento familiar total, participação na força de trabalho, religião, frequência a culto e recebimento de programa social.

Antes de apresentar os dados e sua análise, é importante situar que a coleta dos dados ocorreu em um período em que a candidatura de Dilma Rousseff atingia seus mais altos índices de intenções de voto, José Serra estava em seus percentuais mais baixos e Marina Silva ainda não tinha iniciado sua ascensão, que ocorreu na última semana antes do primeiro turno. As outras seis candidaturas ficaram com algo em torno de 1% dos votos, o que não permite análises por diferentes características dos eleitores. Finalmente, destaca-se que o percentual de pessoas que declararam voto branco, nulo ou “não sabe” (indeciso) ainda era muito alto naquele momento. Assim, a análise que se segue considera os três candidatos com as maiores intenções de voto e ainda uma categoria que inclui todas as demais respostas de intenções de voto.

#### *Análise exploratória simples*

Nesta seção é feita uma análise descritiva simples das intenções de voto, com base nos dados apresentados na Tabela 1, que mostra um panorama geral com a distribuição de intenções de voto para o Brasil e nos agrupamentos regionais selecionados, segundo algumas características sociodemográficas dos eleitores (sexo, escolaridade, “classe social”, religião e recebimento de programa social). As demais características serão consideradas somente na análise exploratória multivariada.

Para o total do Brasil, 16,2% dos eleitores declararam votos nulos, brancos ou indecisos (NU/BR/IN). Se a eleição tivesse sido realizada no momento da pesquisa e os votos NU/BR/IN tivessem a mesma distribuição dos votos declarados, Dilma Rousseff ganharia no primeiro turno com 56,4% (47,3% dos votos declarados), seguida de José Serra, com 29,7%,

e Marina Silva, com 13,1% dos votos válidos. Considerando o eleitorado por sexo, nota-se que Dilma tinha percentual maior de intenções de voto dos homens do que das mulheres (49,8% contra 44,7% votos declarados), enquanto José Serra empatava entre os eleitores de ambos os sexos (com 24,8% dos votos válidos) e Marina apresentava ligeira vantagem entre as mulheres (11,5% contra 10,3% entre os homens). O percentual de NU/BR/IN era bem maior para as mulheres (18%) do que para os homens (14,5%).

Em termos regionais, Dilma Rousseff obteve os maiores percentuais de intenções de voto no agrupamento das Regiões Norte e Nordeste, ao mesmo tempo em que tanto José Serra quanto Marina Silva tiveram seus menores percentuais de intenções de voto. A candidata do PT teve índices 20% acima da soma das intenções de voto dos candidatos do PSDB e do PV. Outro fato digno de nota é que nas Regiões Norte e Nordeste não houve diferenças significativas nas intenções de voto de homens e mulheres em relação às duas principais candidaturas. Ao contrário da tendência nacional, Dilma teve o mesmo percentual de votos nos eleitorados masculino e feminino neste agrupamento regional e não houve diferenças significativas nas intenções de voto de José Serra quando se considera o sexo do eleitorado. No entanto, surpreendentemente, Marina Silva – que nasceu no Norte e é filha de pais nordestinos – apresentou seu pior desempenho eleitoral nestas regiões e teve maior intenção de voto entre o eleitorado masculino (10,5%) do que entre o feminino (8,3%), ao contrário do ocorrido em outras regiões, onde Marina Silva registrava maior intenção de voto entre as mulheres.

No Sudeste, Dilma Rousseff alcançou o seu segundo melhor desempenho eleitoral e teve mais intenções de voto do eleitorado masculino (51,9%), do que do feminino (44,7%). O candidato José Serra também obteve sua segunda melhor performance no Sudeste, com um resultado ligeiramente superior entre as mulheres. A candidata Marina Silva conseguiu 11,6% das intenções de voto no Sudeste, sendo 10,0% entre os homens e 13,0% entre as mulheres.

No conjunto das Regiões Centro-Oeste e Sul, a candidata Dilma Rousseff teve seus menores índices de intenção de voto, bem como a maior diferença entre o eleitorado masculino (40,1%) e o feminino (31,0%). Já José Serra e Marina Silva atingiram seus melhores desempenhos e ambos registraram maiores intenções de voto entre o eleitorado feminino. Nestas regiões, as candidaturas do PT e do PSDB estavam em empate técnico entre as mulheres, mas Dilma ganhava com folga entre os eleitores homens. O percentual de pessoas indecisas ou que pretendiam votar

branco ou nulo foi o mais alto de todas as regiões, chegando a quase um quarto do eleitorado.

Com relação à escolaridade dos eleitores, para o total do Brasil, a candidata Dilma Rousseff tinha uma relação inversamente proporcional entre intenções de voto e o nível de escolaridade, enquanto as candidaturas de José Serra e Marina Silva tinham uma relação diretamente proporcional. A candidata Marina Silva apresentava melhor desempenho entre eleitores com curso superior em todas as regiões, chegando a mais de 20% de intenções de voto, em média, entre os mais escolarizados. A candidata Dilma mostrava empate técnico com José Serra, com leve vantagem para este, entre os eleitores de nível superior.

Nas Regiões Norte e Nordeste, Dilma registrava seu melhor desempenho entre aqueles com maior escolaridade, com 36,4%. No Sudeste, José Serra perdia entre os eleitores com até o ensino médio, mas empatava com a candidata petista entre aqueles de nível superior. Nas Regiões Centro-Oeste e Sul, Serra vencia entre os eleitores de curso superior, chegando a quase 40%, enquanto a candidata Dilma Rousseff apresentava seu pior desempenho entre as pessoas com esse nível de escolaridade.

A pesquisa com os eleitores coletou informações que permitiram o cálculo do indicador de classe socioeconômica segundo o critério proposto pela Abep/Abipeme (ABEP, 2008). Apesar de este conceito de classe social ser diferente do conceito sociológico, que considera a posição da pessoa no processo produtivo, a definição de classe social segundo propensão a consumo fornece importante classificação da população, principalmente em um momento em que a classe média teve aumento e avanço tão significativos. Observa-se que, na média nacional, Dilma Rousseff tinha percentuais de intenções de voto ao redor de 50%, nas classes C (classe média) e D e E (pobres), diminuindo (37,5%) nas classes A e B (de maior poder de consumo). A candidata do PT vencia em todas as classes, mas com uma diferença bem menor entre os segmentos com maior poder de consumo. Já o candidato José Serra tinha aproximadamente o mesmo percentual (cerca de 22,0%) nas classes C e D e E, mas registrava intenções maiores nas classes A e B. Marina Silva apresentava intenções de voto que variavam em relação direta ao poder de consumo, ou seja, quanto maior o poder de consumo do eleitorado, maior a porcentagem daqueles que declaravam intenção de votar na candidata.

Por agrupamento regional, verifica-se que, no Norte e Nordeste, as intenções de voto de Dilma eram altas em todas as “classes sociais”, mas

**Tabela 1**  
**Distribuição percentual das intenções de voto para presidente da República, por características sociodemográficas selecionadas dos eleitores, segundo grandes regiões e candidatos**  
**Brasil – 2010**

Regiões e candidatos	Total	Homens	Mulheres	Até 4a. série	5a. série até ensino médio	Ensino superior	"Classes" "Classes" "Classes" D e E C A e B			Católico Evangélico		Ateu ou agnóstico		Recebe programa social	
							435	1.258	444	200	392	1.610	Sim	Não	
<b>Brasil</b>	<b>2.002</b>	<b>951</b>	<b>1.051</b>	<b>773</b>	<b>1.071</b>	<b>158</b>	<b>562</b>	<b>1.005</b>	<b>435</b>	<b>1.258</b>	<b>444</b>	<b>200</b>	<b>392</b>	<b>1.610</b>	
Dilma Rousseff	47,2	49,8	44,7	50,6	47,1	31,0	37,5	51,0	50,6	51,0	39,0	46,0	58,2	44,5	
José Serra	24,8	24,8	24,8	21,6	26,0	32,9	31,3	22,5	21,8	25,1	25,7	24,0	18,9	26,3	
Marina Silva	10,9	10,3	11,5	7,0	12,3	20,9	15,1	10,0	7,6	7,9	17,8	13,0	6,6	12,0	
Outros	0,7	0,5	1,0	0,5	0,8	1,3	1,2	0,7	0,2	0,6	1,6	0,5	0,5	0,8	
NU/BR/IN	16,3	14,5	18,0	20,3	13,8	13,9	14,8	15,7	19,8	15,4	16,0	16,5	15,8	16,5	
<b>Norte e Nordeste</b>	<b>672</b>	<b>323</b>	<b>349</b>	<b>288</b>	<b>351</b>	<b>33</b>	<b>117</b>	<b>337</b>	<b>218</b>	<b>455</b>	<b>134</b>	<b>55</b>	<b>208</b>	<b>464</b>	
Dilma Rousseff	52,7	52,6	52,7	53,8	53,3	36,4	39,3	57,3	52,8	56,7	45,5	45,5	62,0	48,5	
José Serra	22,5	23,2	21,8	21,9	22,8	24,2	29,1	18,7	24,8	22,2	23,1	25,5	17,3	24,8	
Marina Silva	9,4	10,5	8,3	5,6	11,4	21,2	18,8	7,4	7,3	5,9	17,9	10,9	5,8	11,0	
Outros	0,4	0,3	0,6	0,7	0,3	0,0	0,9	0,6	0,0	0,4	0,7	0,0	0,5	0,4	

(continua)

(continuação)

Regiões e candidatos	Total	Homens	Mulheres	Até 4a. série	5a. série até ensino médio	Ensino superior	"Classes" "Classe" "Classes" "Classes"			Católico	Evan-gélico	Ateu ou agnóstico	Recebe programa social	
							A e B	C	D e E				Sim	Não
NU/BR/IN	15,0	13,3	16,6	18,1	12,3	18,2	12,0	16,0	15,1	14,7	12,7	18,2	14,4	15,3
<b>Sudeste</b>	<b>940</b>	<b>441</b>	<b>499</b>	<b>345</b>	<b>513</b>	<b>82</b>	<b>308</b>	<b>468</b>	<b>164</b>	<b>571</b>	<b>209</b>	<b>109</b>	<b>145</b>	<b>795</b>
Dilma Rousseff	48,1	51,9	44,7	52,5	47,8	31,7	38,0	53,2	52,4	51,7	37,8	50,5	55,9	46,7
José Serra	24,6	24,3	24,8	20,9	25,7	32,9	31,2	23,1	16,5	25,2	25,4	20,2	19,3	25,5
Marina Silva	11,6	10,0	13,0	7,5	12,3	24,4	14,6	10,7	8,5	8,4	19,1	12,8	9,0	12,1
Outros	0,9	0,7	1,0	0,6	1,2	0,0	1,3	0,6	0,6	0,7	1,4	0,9	0,7	0,9
NU/BR/IN	14,9	13,2	16,4	18,6	13,1	11,0	14,9	12,4	22,0	14,0	16,3	15,6	15,2	14,8
<b>Centro-Oeste e Sul</b>	<b>390</b>	<b>187</b>	<b>203</b>	<b>140</b>	<b>207</b>	<b>43</b>	<b>137</b>	<b>200</b>	<b>53</b>	<b>232</b>	<b>101</b>	<b>36</b>	<b>39</b>	<b>351</b>
Dilma Rousseff	35,4	40,1	31,0	39,3	34,8	25,6	35,0	35,5	35,8	37,9	32,7	33,3	46,2	34,2
José Serra	29,5	28,9	30,0	22,9	31,9	39,5	33,6	27,5	26,4	30,6	29,7	33,3	25,6	29,9
Marina Silva	12,1	10,7	13,3	8,6	14,0	14,0	13,1	13,0	5,7	10,8	14,9	16,7	2,6	13,1
Outros	1,0	0,5	1,5	0,0	1,0	4,7	1,5	1,0	0,0	0,4	3,0	0,0	0,0	1,1
NU/BR/IN	22,1	19,8	24,1	29,3	18,4	16,3	16,8	23,0	32,1	20,3	19,8	16,7	25,6	21,7

Fonte: Ibope/CBL, 2010. NU/BR/IN são votos nulos, brancos ou indecisos.

especialmente na classe média. Este fato relativiza as afirmações de que a candidata do PT teria vencido nas regiões ao norte do país, fundamentalmente com os votos das parcelas pobres da população. Já José Serra teve seu pior desempenho no Norte/Nordeste entre a classe média e obteve índices semelhantes entre os mais pobres e os mais ricos. A candidata Marina Silva registrou seu melhor desempenho nas classes A e B e o pior nas classes D e E.

A inclusão da identificação da filiação religiosa em pesquisas eleitorais, desde 1994, tem mostrado a importância desta característica do eleitor na sua intenção de voto (PIERUCCI; PRANDI, 1995). Apesar da grande diversidade religiosa existente no Brasil, para efeitos da análise, utilizaram-se somente três denominações: católicos, evangélicos e ateus ou agnósticos, que correspondiam a 95% dos eleitores entrevistados. Na eleição de 2010, a filiação religiosa do eleitor mostrou importante correlação com a intenção de voto na candidata Marina Silva, com uma clara identificação dos eleitores com a filiação da própria candidata, apesar dela ter tido uma postura totalmente laica na sua campanha. No caso de Dilma, a tendência foi uma porcentagem um pouco maior de intenções de voto entre os eleitores católicos e menor entre os evangélicos. Para o candidato do PSBD, não se observou nenhuma tendência com relação à filiação religiosa dos eleitores, apesar de Serra mostrar certa propensão a uma postura católica em suas posições com relação a temas polêmicos, como no caso do aborto.

Com relação ao comportamento regional e filiação religiosa, de modo geral, os eleitores declararam intenção de voto de forma bastante similar em todos os seguimentos, com algumas exceções que merecem menção. No caso da candidata do PT, nas Regiões Norte e Nordeste, ela perdeu menos nas intenções de voto entre os evangélicos do que na média nacional, dado que, como visto anteriormente, a candidata tinha forte intenção de voto entre a população mais pobre e, em geral, a população evangélica tem um perfil mais pobre do que a média nacional. Outro fato que merece destaque é que, no Sudeste, o candidato do PSDB teve menor intenção de voto entre os agnósticos e ateus do que em outras regiões. No agrupamento das Regiões Centro-Oeste e Sul, é interessante observar que a vantagem da candidata do PV, entre os evangélicos, não era tão importante como nos demais agrupamentos regionais, pois, nestas regiões, Marina alcançou uma intenção de voto maior e mais generalizada com relação ao perfil dos eleitores, com exceção dos menos escolarizados e os da classe

D e E, seguimentos populacionais em que a intenção de voto na candidata foi muito abaixo da sua média nacional.

Tendo em vista a grande porcentagem de população em situação de pobreza e miséria e a elevada desigualdade social existente no país, bem como a melhoria dos indicadores vinculados a estes temas durante a década de 2000, não foi surpreendente que, nas eleições de 2010, os programas de transferência de renda fossem utilizados como temas de campanha importantes para a candidata da situação. De fato, mesmo os candidatos da oposição utilizavam este tema fortemente em suas campanhas. Assim, é importante perceber como o eleitor que era beneficiado por algum destes programas se declarava em relação à sua intenção de voto. Claramente a candidata da situação tinha porcentagem de intenções de voto muito acima da média entre aqueles que recebiam o programa (58,2%) e, se dependesse somente destes votos, Dilma ganharia facilmente a eleição já no primeiro turno. Esta situação se repetiu em todas as regiões, com a mais alta intenção de voto entre todas as categorias analisadas nas Regiões Norte e Nordeste (62%) e, obviamente, com índices maiores do que a média nacional, com exceção do agrupamento Centro-Oeste e Sul, onde ser ou não beneficiário de programa de transferência de renda mostrava pouca diferença com relação à média nacional.

Os demais candidatos, principalmente o do PSDB, que pertence ao partido que iniciou o programa de transferência de renda condicionada no país, não conseguiram capitalizar sobre os bons resultados do programa. Entre os beneficiários de programa de transferência de renda, as intenções de voto em Serra e Marina foram bastante abaixo da média da população no Brasil e para todas as regiões analisadas, com uma pequena exceção para o agrupamento Centro-Oeste e Sul, onde Marina perdeu muitos votos para Serra entre os beneficiários de programa. No entanto, o que vale destacar é que Dilma venceu em intenções de voto, com menores margens entre os eleitores que não recebem renda de programas governamentais. Ou seja, mesmo entre os não beneficiários, em todas as regiões, a candidata da situação teve maior intenção de voto em relação aos demais candidatos e ganharia as eleições no primeiro turno, com 53% dos votos válidos, se os votos NU/BR/IN estivessem distribuídos na mesma proporção das intenções conhecidas. O que viria acontecer durante a eleição do primeiro turno, com um crescimento da candidata do PV para cerca de 20% dos votos efetivos? (veja capítulo de José Eustáquio Diniz Alves, neste livro).

Mesmo com a análise descritiva simples feita até o momento, pode-se deduzir que as características individuais dos eleitores, como escolaridade, “classe social”, religião e recebimento de programa social, apresentam maiores diferenciais quanto à intenção de voto do que a variável sexo do eleitor. De certa forma, analisando as características dos eleitores que votavam em Dilma, Marina ou Serra, percebe-se que o sexo do candidato tampouco tem efeito direto nas escolhas dos eleitores segundo suas próprias características pessoais. Dito de forma mais direta, os dados mostram que as mulheres não votam mais em mulheres somente por serem mulheres. Pode-se afirmar que as características próprias dos indivíduos atuam em conjunto, de forma direta ou indireta, na escolha do seu candidato, seja este homem ou mulher. A análise multivariada mostrará quais destas variáveis individuais atuam de forma mais decisiva diferenciando eleitores. No entanto, observou-se um comportamento interessante com relação ao recebimento de benefícios sociais, com resultado diferenciado por sexo do eleitor, que vale a pena mencionar. Na Tabela 2, apresenta-se a distribuição das intenções de votos, por sexo do eleitor e situação de recebimento de algum programa social. Até certo ponto surpreendente, observa-se que o percentual de intenções de voto em Dilma Rousseff, entre beneficiários dos programas de transferência de renda, é maior entre os homens (64,9%) do que entre as mulheres (53,8%).

**Tabela 2**  
**Distribuição percentual das intenções de voto para presidente da República, por sexo dos eleitores e situação de beneficiário de programa social, segundo candidatos Brasil – 2010**

Candidatos	Homens			Mulheres		
	Beneficiário de programa social		Total	Beneficiário de programa social		Total
	Sim	Não		Sim	Não	
Dilma	64,9	46,9	49,8	53,8	42,1	44,7
José Serra	15,6	26,6	24,8	21,0	26,0	24,8
Marina	6,5	11,0	10,3	6,7	12,9	11,5
Outro	0,0	0,6	0,5	0,8	1,0	1,0
NU/BR/IN	13,0	14,8	14,5	17,6	18,1	18,0
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>
<b>Total amostrado</b>	<b>154</b>	<b>797</b>	<b>951</b>	<b>238</b>	<b>813</b>	<b>1051</b>

Fonte: Ibope/CBL, 2010.

Nota: NU/BR/IN são votos nulos, brancos ou indecisos.

O senso comum diria que as mulheres, que são mais de 90% dos titulares que recebem os benefícios do Programa Bolsa Família, deveriam dar mais apoio à candidatura governista. Porém, foram os homens das famílias beneficiárias que declararam maior intenção de voto em Dilma Rousseff. Uma explicação para tal fato é a forma como os programas de transferência de renda impactam a vida de homens e mulheres. Segundo Arriagada e Mathivet (2007), os programas de transferência de renda da América Latina geralmente jogam diversas responsabilidades sociais sobre os ombros das mulheres/mães e relegam ao segundo plano os homens/pais que, muitas vezes, são ausentes, passivos ou simplesmente omissos. Alves e Cavenaghi (2009), analisando o Programa Bolsa Família no Recife, consideram que o programa tem um conteúdo familista que sobrecarrega as responsabilidades das mulheres na família, desresponsabilizando o Estado e os homens/pais do cuidado com as crianças.

Neste sentido, pode-se especular que os homens tendem a ter uma visão mais positiva do Programa Bolsa Família, que é o carro-chefe dos programas de transferência de renda, pois não são eles os responsáveis pelo acompanhamento das condicionalidades do programa, enquanto as mulheres tenderiam a sentir a falta de equipamentos sociais e políticas públicas que aliviassem a sobrecarga das atividades domésticas e acompanhamento dos filhos.

Em síntese, no levantamento de dados sobre intenções de voto realizado um mês antes das eleições, considerando as características socioeconômicas e demográficas dos eleitores, Dilma Rousseff venceria seus adversários em quase todas as categorias, com exceção das pessoas com nível superior de ensino no Sudeste, Centro-Oeste e Sul, principalmente neste último, onde as intenções de voto para Serra chegavam a quase 40%. Mas as maiores margens de diferença nas intenções de voto, entre as categorias das variáveis analisadas, em ordem decrescente de importância, foram entre os grupos de escolaridade, os beneficiários dos programas federais de transferência de renda, as classes socioeconômicas, os seguimentos por religião e, finalmente, o sexo do eleitor. Este quadro de margem de diferença nas intenções de voto por regiões é mais ou menos similar. No entanto, observa-se que, no Sudeste, o diferencial entre os que recebem e não recebem benefício de programa foi menor do que em outras regiões e, no agrupamento Centro-Oeste e Sul, a classe socioeconômica e a religião se mostraram com menores diferenciais, ganhando um pouco mais de importância os diferenciais por sexo.

### Análise exploratória multivariada: modelos de classificação em árvore

A análise realizada anteriormente permite traçar um panorama bastante interessante sobre o perfil dos eleitores de cada um dos três principais candidatos à Presidência da República em 2010, no entanto, não diz com significância estatística quais destas características diferenciam mais os eleitores. A análise de classificação de dados baseada em modelos de árvore de decisão, descrita na seção de métodos, possibilita separar quais destes perfis geram grupos de eleitores que declararam maiores intenções de voto em um ou outro candidato, ou melhor, separa grupos mais homogêneos internamente quanto à distribuição das intenções de voto por candidato.

A variável dependente usada no ajuste foi a distribuição percentual de intenções de voto em Dilma, Serra, Marina e NU/BR/IN. As variáveis independentes, ou covariáveis, que identificam o perfil dos eleitores incluídas no modelo foram idade, sexo, raça/cor, grau de instrução, “classe social”, rendimento familiar total, participação na força de trabalho, religião, frequência a culto e recebimento de programa social, utilizando as mesmas categorias descritas na seção de métodos. Para o ajuste foram selecionados até três níveis de nós e um mínimo de 50 observações em cada nó. O método de crescimento da árvore selecionado foi o *Exhaustive CHAID*, com estatísticas estimadas por método de máxima verossimilhança.

A Figura 1 apresenta o resultado em forma de árvore do melhor ajuste do modelo, considerando estas variáveis. Como se pode observar, a variável que aparece no primeiro nível, com maior estimativa de chi-quadrado, é grau de instrução do eleitor, separando esta nas três categorias consideradas: até 4ª série do ensino fundamental; de 5ª série do fundamental até 3ª série do ensino médio; e ensino superior. O segundo nó ajustado mostra que, no grupo com ensino superior, a segunda variável mais importante na identificação de grupos homogêneos corresponde ao rendimento familiar, enquanto para os demais eleitores é a religião que os diferencia em grupos. Entre aqueles com ensino superior e mais de cinco salários mínimos de rendimento total, a intenção de voto em Serra é muito maior do que sua média obtida (41,9%) em toda a população. Também Marina tem alta intenção de votos neste grupo (20,9%), deixando para a candidata Dilma menos de 15% das intenções de voto. No entanto, dada a desigualdade social do país, este grupo inclui apenas uma porcentagem pequena da população total (na amostra 74 eleitores em um total de 2.002). Entre eleitores com ensino fundamental ou médio, a religião os separa em dois grupos distintos com relação às intenções de voto para presidente: um

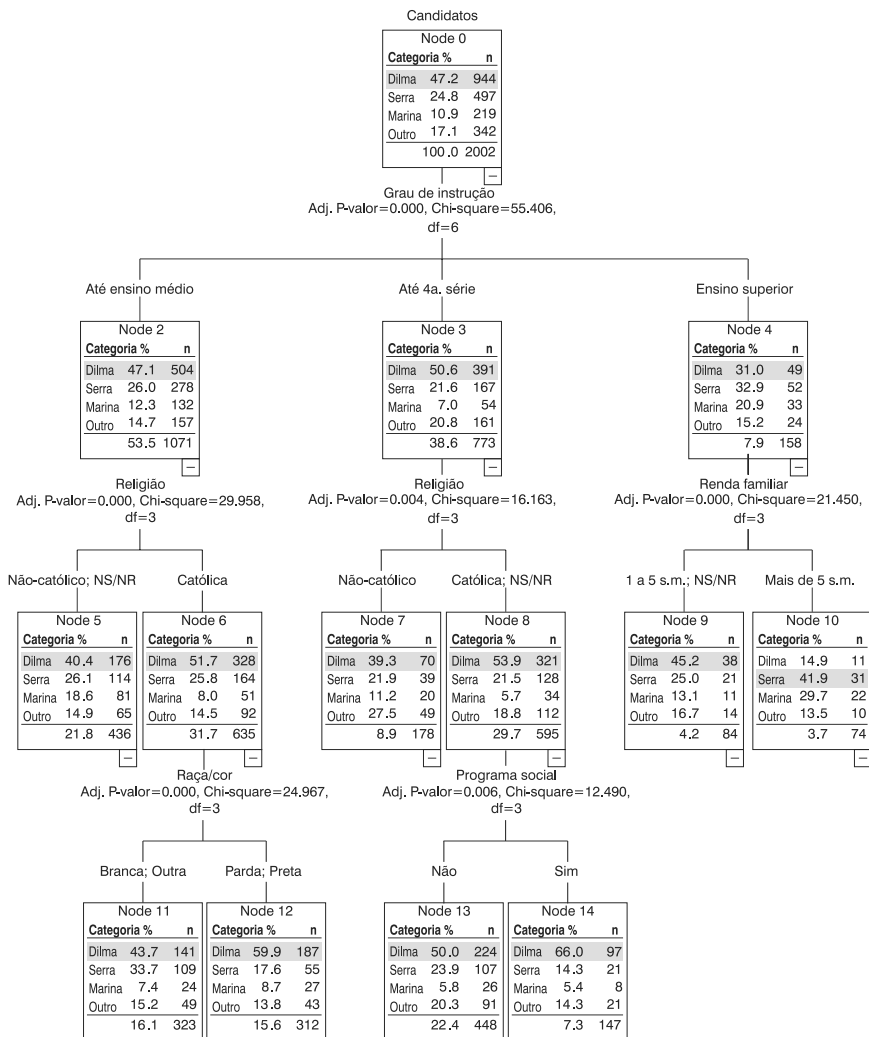
formado por católicos; e outro por não católicos, que majoritariamente são evangélicos e sem religião. A religião indica que os não católicos votam mais do que a média na candidata Marina e os católicos em Dilma.

Ainda entre o grupo de católicos, mais um nível de agrupamento é formado. Para aqueles com ensino intermediário, a raça/cor do eleitor é uma característica que os separa em dois grupos, com os pardos e pretos apresentando maior intenção de voto em Dilma (quase 60%). Para aqueles com ensino básico, o recebimento de programa social é a variável que aparece com significância estatística para separar o último grupo homogêneo, em que, entre aqueles que recebem o benefício, as intenções de voto em Dilma chegavam a 66%. Porém, mesmo entre estes menos escolarizados e católicos, os que não recebem o benefício declararam intenção de votar em Dilma numa porcentagem maior do que a média nacional da candidata.

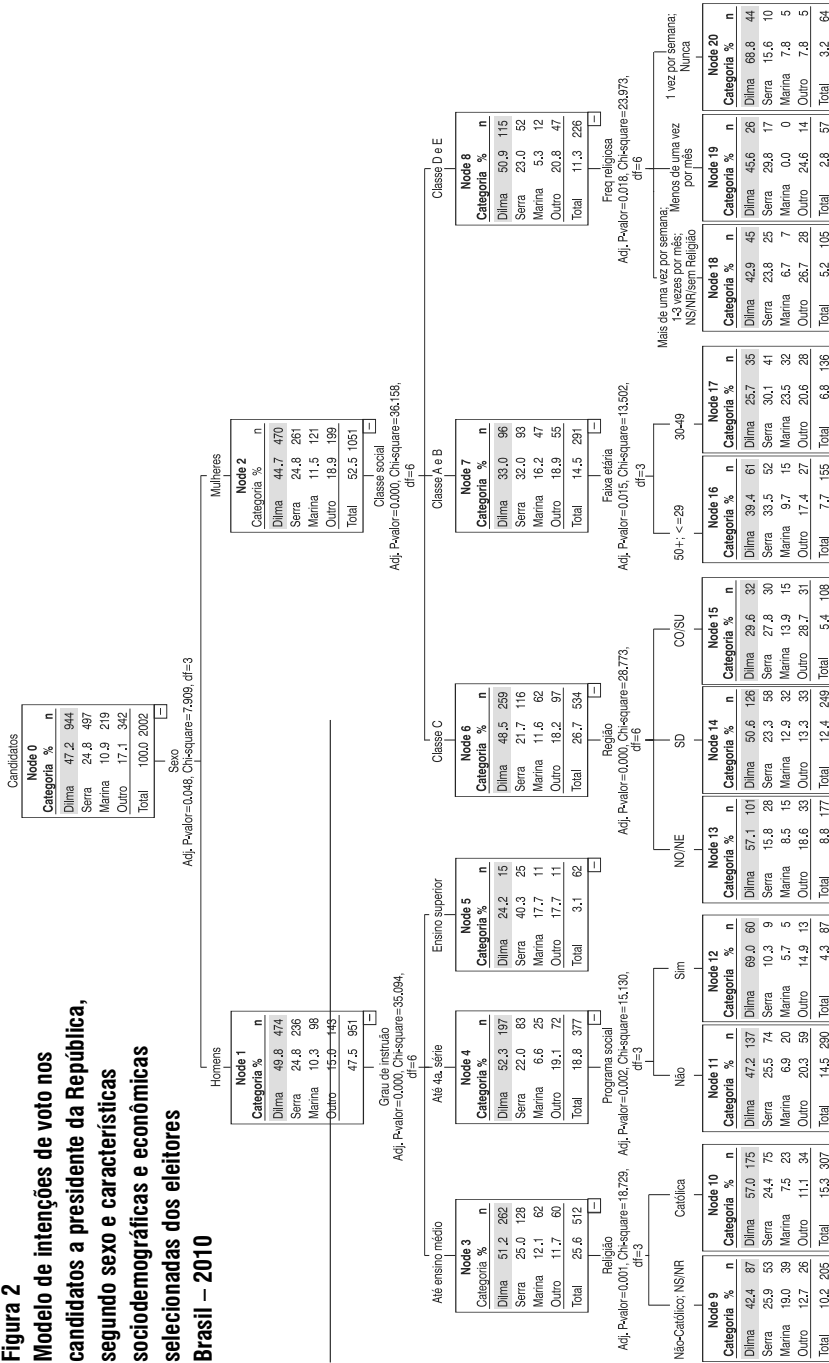
Este modelo com características dos eleitores indica que outros aspectos importantes na definição do voto não foram incluídos no modelo, pois a estimativa de risco global, que constitui uma medida aproximada da qualidade do ajuste do modelo, é 0,518 e, apesar de ajustar com significância estatística de 99%, em metade dos casos há risco de erro de predição. Outra indicação importante é dada pela classificação dos casos observados e preditos pelo modelo. Para as quatro categorias da variável dependente (Dilma, Serra, Marina e NS/NR/Outro), o modelo tem predição global correta em 48,2% dos casos, mas, de fato, acerta em 98,8% dos votos para a candidata Dilma, em 6,2% para Serra e nenhum dos demais. Ou seja, as características dos eleitores consideradas no modelo ajudam a identificar o perfil dos eleitores de Dilma, mas não dos demais candidatos.

Outro fator importante de análise refere-se às variáveis que não entraram no modelo por não apresentarem comportamento estatisticamente significativo para formar grupos homogêneos. Entre estas estão idade, “classe social”, participação na força de trabalho e frequência a culto, sendo que esta última, em geral, uma variável que se aproxima mais do conceito de religiosidade do eleitor do que a indicação da religião em si mesma. Este resultado indica que não havia uma separação explícita entre as categorias destas variáveis definindo a intenção de voto dos eleitores ao cargo de presidente em 2010. Adicionalmente, uma das variáveis de maior interesse neste estudo, sexo do eleitor, foi outra característica que não entrou no modelo. Isto significa que homens e mulheres não formavam grupos diferenciados em sua intenção de voto no momento da pesquisa. No entanto, este resultado não indica se homens e mulheres votam de forma diferente com relação às suas características pessoais. Dado que

**Figura 1**  
**Modelo de intenções de voto nos candidatos a presidente da República, segundo**  
**características sociodemográficas e econômicas selecionadas dos eleitores**  
**Brasil – 2010**



**Figura 2**  
**Modelo de intenções de voto nos**  
**candidatos a presidente da República,**  
**segundo sexo e características**  
**sociodemográficas e econômicas**  
**selecionadas dos eleitores**  
**Brasil – 2010**



Fonte: Ibope/CBL, 2010.

O fato que se destaca neste modelo é que homens e mulheres votam de maneira diferente. Ou seja, as características sociodemográficas e econômicas que melhor definem grupos homogêneos de homens são grau de instrução, região de residência, recebimento de programa social e religião; para as mulheres, estas características são “classe social”, frequência religiosa, região de residência e grupos etários. Em termos de qualidade do ajuste, este modelo não difere muito do anterior, somente piora os valores preditos de intenção de voto em Dilma, com 94,7% de acertos, e melhora a predição para Serra com relação ao anterior, para 13,3%, no entanto, um modelo ainda muito bom para previsão de votos da candidata do PT e ruim para os demais.

Ainda com relação ao modelo para homens e mulheres em sua intenção de voto para presidente, destacam-se, na Figura 2, alguns pontos que podem ser significativos para entender como os perfis de homens e mulheres se diferem. De fato, a “classe social” funciona entre as mulheres quase como um substituto para grau de instrução entre os homens, em que as mulheres pertencentes às classes mais pobres são as que mais declararam intenção de voto em Dilma, enquanto aquelas nas classes mais abastadas (A e B) declararam porcentagem mais alta em Serra. Também para as mulheres é importante notar que a frequência daquelas que estavam indecisas e votavam em branco ou nulo era bem maior do que para a maioria dos homens.

#### *Características comportamentais dos eleitores e a intenção de voto*

Vários estudos de eleições anteriores no Brasil mostram como as características dos candidatos afetam ou não a escolha dos eleitores (SILVEIRA, 2000; CARREIRÃO, 2004; ARAÚJO, 2009). Entre os processos culturais relevantes para o entendimento da vida política, é preciso considerar como os eleitores retratam as candidaturas e partidos políticos, sua avaliação em relação a certos atributos pessoais dos candidatos, além da avaliação das administrações que buscam a reeleição. Na pesquisa de campo, foram incluídas várias informações para captar o que os eleitores declaravam levar em conta ao definir seu voto para presidente da República, incluindo características pessoais dos candidatos, como traços físicos, emocionais, comportamentais, experiência, vinculação a partidos e programa de governo. Adicionalmente, em pergunta separada, buscou-se identificar qual das características o eleitor mais levava em consideração.

A Tabela 3 apresenta as informações coletadas no questionário, por sexo, sobre as características dos candidatos que os eleitores levavam em

consideração no momento de decidir seu voto. Como se pode observar, as características mais citadas, com porcentagens acima de 90% dos casos, são a honestidade e a inteligência do candidato, seguidas bem de perto, com porcentagens pouco abaixo dos 90%, pelo programa, por experiência administrativa e experiência política. O partido, no entanto, foi citado como importante somente para metade dos eleitores, assim como características pessoais, como simpatia, escolaridade e age com o coração. Outras características, como sexo, raça/cor, região de nascimento e religião, foram citadas por menos de um quinto dos eleitores. Contudo, ao ter que escolher o que mais levava em consideração no momento de decidir o voto, o eleitor pouco citou características pessoais, apesar de honestidade e inteligência terem sido as mais mencionadas individualmente. Experiência e propostas dos candidatos foram aquelas que os eleitores afirmaram mais levar em consideração no momento da decisão do voto para o cargo de presidente do país. Na maioria das situações, é importante destacar que não há diferenças significativas entre homens e mulheres, exceto para simpatia e age com o coração, mais citadas por mulheres, e orientação sexual e raça, mais mencionadas por homens.

Com relação aos indicadores comportamentais políticos e sociais, as mulheres são um pouco mais exigentes com o governo de Lula, de acordo com o resultado das perguntas sobre aprovação do governo e se votariam em candidato indicado pelo presidente Lula, mas, de fato, a rejeição em si é muito similar para ambos os sexos. Entre os homens, 42,4% relataram que votariam em qualquer candidato indicado por Lula e 36,0% das mulheres afirmaram o mesmo. Quanto à questão de votar ou não em mulher, a distribuição entre homens e mulheres não mostra nenhuma diferença, ou seja, a esmagadora maioria de ambos os sexos relataram que votariam em mulher para presidente da República, com mais de 83% dos eleitores. É interessante notar que 5,7% das mulheres disseram que não votariam em outra mulher.

Com relação a comportamentos sociais, no que se refere a questões de gênero, racial, democracia e corrupção, todos os indicadores estimados apontam para um comportamento mais liberal e moderado da população em geral, mas ainda mais aberto e liberal por parte das mulheres do que dos homens. Entretanto, os diferenciais por sexo não são tão grandes assim. Por exemplo, quando perguntados sobre questões vinculadas a comportamento de gênero no convívio social, que inclui perguntas sobre educação dos filhos, tarefas domésticas e sustento da família, quase 30% dos homens são classificados na categoria de conservador, contra 21%

**Tabela 3**  
**Distribuição percentual dos eleitores por sexo, segundo características dos candidatos levadas em consideração na decisão do voto para presidente da República e variáveis/indicadores comportamentais. Brasil – 2010**

Características dos candidatos levadas em consideração	Sexo		Sexo		Sexo	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
	Variáveis/indicadores		Variáveis/indicadores		Variáveis/indicadores	
Programa	89,7	90,3	100,0	100,0	100,0	100,0
Experiência administrativa	88,6	87,9	81,4	78,9	Liberal	8,3
Experiência política	88,0	88,3	15,5	17,5	Neutro-liberal	14,5
Partido	49,5	46,5	3,2	3,6	Neutro-conservador	43,0
Honestidade	92,2	93,1	100,0	100,0	Conservador	34,2
Inteligência	91,8	92,8	11,6	13,8	Fator consciência racial	100,0
Simpatia	58,5	66,5	42,4	36,0	Alta	37,3
Escolaridade	47,7	49,8	25,9	28,7	Neutra	46,6
Age com o coração	45,0	51,2	20,2	21,5	Baixa	16,1
Aparência	31,1	34,7	100,0	100,0	Fator boa governança com mulheres	100,0
Idade	30,9	29,5	4,4	6,2		100,0
Opção sexual	20,1	16,5	3,9	4,5	Aumentaria	31,1
Religião	16,5	16,9	83,9	83,6	Neutro	64,4
Sexo	14,2	12,5	7,8	5,7	Diminuiria	4,5
Região de nascimento	12,3	11,5	100,0	100,0	Fator convivência com corrupção	100,0
Raça	8,6	6,0	33,5	38,0	Nenhuma	44,2
A que mais considera			38,4	40,6	Justificada	40,6
Outra/NS/NR	2,8	2,1	28,1	21,4	Moderada/total	15,2
Pessoais	8,1	8,3	100,0	100,0	Fator regime democrático	100,0
Partido	5,3	2,9	33,5	40,7	A favor	70,5
Propostas	36,0	41,6	51,1	44,8	Favor/neutro	23,0
Experiência	47,8	45,1	15,4	14,5	Contra	6,5

Fonte: Ibope/CBL, 2010.

das mulheres, como mostra o indicador de gênero na sociedade. Quanto às perguntas sobre participação da mulher na política, a posição de acordo com as respostas às perguntas feitas é mais liberal para ambos os sexos, sendo que entre liberais e moderados foram classificados cerca de 85% dos eleitores.

O indicador de comportamento social que mostra o maior conservadorismo na sociedade é o de aceitação de homossexualismo e aborto, tanto entre homens quanto mulheres, uma vez que um terço dos homens e um quinto das mulheres foram classificados na categoria de conservador e mais de 40% dos eleitores ficaram na categoria de neutro-conservador (Tabela 3). Vale notar que a pergunta com relação a homossexualismo foi se o eleitor era a favor da união entre pessoas do mesmo sexo e, sobre aborto, se as mulheres tinham direito de decidir se interrompiam uma gravidez, como descrito na seção de métodos, sendo que o entrevistado respondia numa escala de 1 a 5, entre concorda totalmente até discorda totalmente. Ao contrário, o indicador de consciência racial mostra que a maioria da população foi classificada como consciência alta ou neutra.

É interessante constatar que, apesar de os eleitores serem classificados em sua maioria como a favor de regimes democráticos, com mais de 70% a favor sempre e 25% a favor ou neutro, mais de 50% foram englobados em categoria que aceita certos tipos de corrupção como justificada ou aceita totalmente a corrupção. Isso talvez seja reflexo de nosso regime democrático ainda jovem e com exemplos diários de corrupção na política e na vida privada. E tal fato é muito consistente entre o grupo de homens e mulheres, que apresentam diferenças marginais com relação à distribuição dos indicadores de democracia e convivência com a corrupção.

Ainda na Tabela 3, é importante observar, no fator de boa governança com mulheres, que, ao serem inquiridos sobre o que aconteceria em alguns setores do governo e da sociedade com mais mulheres no poder, mais de dois quintos das mulheres e um terço dos homens consideraram que a boa governança aumentaria e menos de 5% mencionaram que diminuiria. Ou seja, o fator de boa governança mostra que os eleitores não têm uma percepção negativa preconcebida quanto ao desempenho das mulheres em cargos de governo, no entanto, os resultados das eleições de mulheres no país não refletem este comportamento. De fato, são outras barreiras que as mulheres enfrentam ao concorrer a cargos políticos, que não passam pelo comportamento declarado direto dos eleitores.

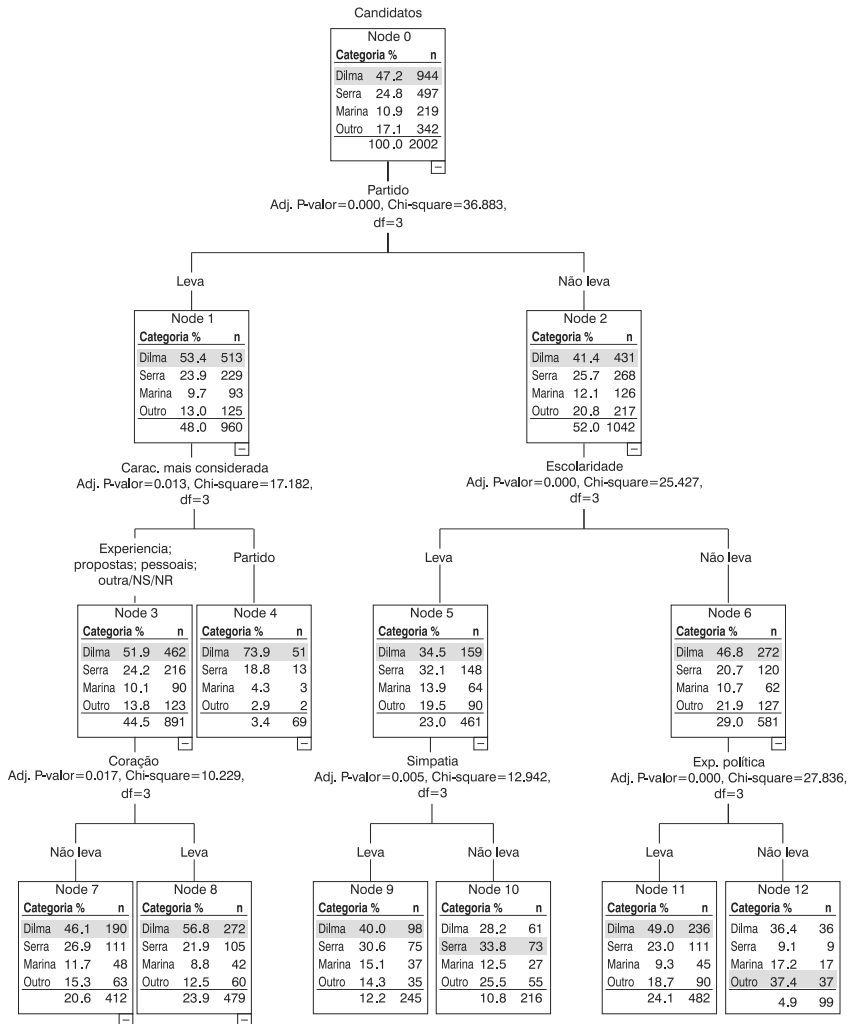
### Sobre as características dos candidatos: modelo de classificação em árvore

Dado que existem muitas variáveis e com dimensões distintas, nesta seção e na seguinte, apresentam-se, de forma separada, modelos que permitem a classificação do grupo de eleitores entrevistados com relação à intenção de voto declarada segundo as características dos candidatos e os indicadores comportamentais sociais e políticos. A Figura 3 mostra o resultado do modelo que inclui todas as variáveis de características do candidato e a aquela que indica o tipo de característica que o eleitor mais leva em conta na decisão do voto para presidente, sendo que a variável dependente é novamente como definida no modelo de características dos eleitores, isto é, a distribuição de intenções de votos em quatro categorias. Este modelo apresentou um ajuste similar ao anterior, com 52,2% de estimativa de risco, o qual indica a qualidade do modelo aplicado aos dados, com risco de erro em pouco mais da metade dos casos. Para a candidata Dilma, a porcentagem de acertos é alta como no modelo anterior, com 89,7%, Serra com somente 14,7% e Marina novamente sem nenhum caso de previsão correta e seus votos são designados erroneamente tanto a Dilma quanto a Serra.

As características dos candidatos que aparecem como significantes no modelo, em ordem decrescente de importância, são o partido a que pertence o candidato, sua escolaridade, a indicação de característica mais levada em consideração para selecionar um candidato, a experiência política, a simpatia e se age com o coração. O modelo indica que os eleitores que levam em conta o partido do candidato votam em maior porcentagem em Dilma e, entre aqueles que não levam em consideração, a indecisão é maior do que a média. Entre este último grupo, a escolaridade aparece como segundo fator que mais os diferencia, e aqueles que levam em consideração a escolaridade votam menos do que a média na candidata Dilma e votam mais em Serra. Ainda, entre eleitores que não levam em consideração o partido e nem a escolaridade, o fator que ainda os diferencia é a experiência política, em que a candidata Dilma recupera sua porcentagem de votos neste grupo. Entre aqueles que não levam em conta o partido, mas consideram a escolaridade um fator importante, também indicaram, com significância estatística, que a simpatia do candidato é fator importante na decisão pelo voto. Neste grupo, Serra tem porcentagem de votos maior do que sua média nacional, tanto entre os que acham que a simpatia é um fator relevante como para os

que não acham a simpatia relevante, mas, neste último agrupamento, chega a ganhar de Dilma por uma diferença de mais de cinco pontos percentuais (Figura 3).

**Figura 3**  
**Modelo de intenções de voto nos candidatas a presidente da República, segundo características dos candidatos levadas em consideração na definição da intenção de voto Brasil – 2010**



Fonte: Ibope/CBL, 2010.

Finalmente, vale mencionar que, entre os eleitores que relataram levar em conta o partido, existe um segundo nível de grupos homogêneos, em que aqueles que mais consideram o partido votam majoritariamente em Dilma, alcançando intenções de voto de 73,9%. Entre os demais, a característica agir com o coração cria outro nó de grupos homogêneos, em que a intenção de voto em Dilma é ainda maior do que na sua média nacional e ainda mais elevada entre os que consideram que agir com o coração é uma característica importante em um candidato à Presidência do país, com 56,8% das intenções de voto na candidata do PT.

Sobre as características comportamentais dos eleitores: modelo de classificação em árvore

O modelo que inclui os indicadores comportamentais sociais e políticos como covariáveis, no modelo com a variável dependente de intenção de voto em quatro categorias, é o melhor entre aqueles ajustados (características dos eleitores e características dos candidatos). O risco de erro apresentado neste modelo reduz para 35,4%, com classificação de acertos nos votos de Serra aumentando para 57,7% e de Dilma para 93,2%. O problema do modelo ainda é a predição dos votos em Marina, mas, neste caso, metade dos votos de Marina é designada erroneamente para Dilma e a outra metade para Serra.

Apesar de todos os indicadores presentes na Tabela 3 terem sido incluídos no ajuste do modelo, aqueles que aparecem como estatisticamente significantes, com resultados mostrados na Figura 4, são: se votaria em indicação do Lula; se votaria em mulher; e, no último nível, o indicador de aprovação do governo Lula. Nenhum dos demais indicadores aparecem separando grupos homogêneos nesta análise de classificação. Entre os eleitores que votariam em qualquer pessoa indicada pelo presidente Lula, mais de 90% declararam seu voto em Dilma e estes envolvem 39% do total de eleitores.

Entre os eleitores que não votariam de jeito nenhum em candidato indicado por Lula (20,9% dos eleitores), 57,7% votariam em Serra e mais de 21% votariam em Marina. Mas, neste grupo, aqueles que não votariam em mulher separam outro grupo homogêneo, que, apesar de pequeno (5,3% dos eleitores), registrou elevada intenção de voto em Serra (mais de 80% das intenções de voto neste candidato). Entretanto, entre os eleitores que mencionaram não ter problemas de votar em mulher, quase 30% declararam intenção de voto na candidata Marina (e estes representam 15,6% do total de eleitores) e muito pouco em Dilma, mas

esta recupera votos entre aqueles que aprovam o governo Lula como ótimo ou bom (Figura 4).

Ainda com relação a este modelo, para aqueles que a indicação do Lula poderia ser considerada, dependendo do candidato indicado, Dilma perde intenções de votos, que vão tanto para Serra quanto para Marina. A indicação se votaria em mulher, no entanto, faz Serra perder intenções de votos para Dilma, mas, entre aqueles que não votariam em mulher e dependem da pessoa indicada por Lula, que são somente 4,9% dos eleitores, Serra tem quase 47% das intenções de votos.

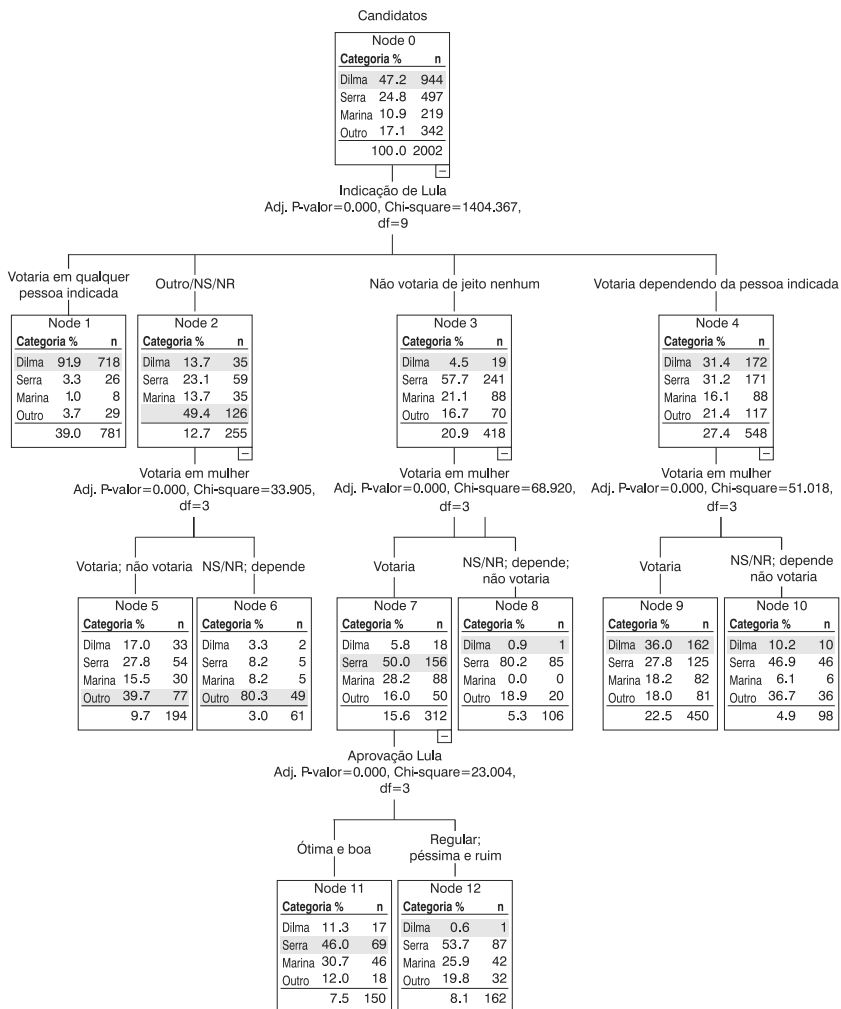
É importante ressaltar novamente as variáveis que não entraram no ajuste do melhor modelo. Os indicadores de comportamento de gênero na sociedade e na política, bem como os demais indicadores, como os fatores de homossexualidade e aborto, de consciência racial, de corrupção e de democracia, não aparecem como variáveis que separam os eleitores em grupos homogêneos em sua intenção de voto para presidente da República, neste modelo multivariado de classificação baseado em árvore de decisão. Neste caso, a indicação se o eleitor votaria em candidato do Lula é tão importante no modelo que praticamente elimina as probabilidades de outras variáveis separarem grupos importantes. A única variável que permanece no modelo e pode indicar algum comportamento de gênero é se o eleitor votaria em mulher ou não. No caso deste modelo, esta variável indica que os eleitores que não votariam em mulher são os que se destacam, dando prioridade ao candidato Serra, entre aqueles que não votariam de jeito nenhum em candidato do Lula ou igualmente dependeria da pessoa indicada. Nestes dois casos, Serra tem grande vantagem em relação às duas outras candidatas do sexo feminino.

### **Fatores que mais afetaram a intenção de votos nas eleições para presidente de 2010: modelo logístico multivariado**

Como visto anteriormente, tanto as variáveis que identificam características sociodemográficas e econômicas dos eleitores, como aquelas que indicam características dos candidatos e posições ideológicas e partidárias são fatores importantes para diferenciar o perfil dos eleitores. Qualquer dos modelos propostos individualmente produz excelentes resultados na predição de votos para a candidata Dilma, mas não para Serra e muito menos para Marina.

Outra forma de analisar estas mesmas variáveis, mas de maneira comparativa entre os candidatos, é utilizar um modelo logístico multinomial,

**Figura 4**  
**Modelo de intenções de voto nos candidatos a presidente da República, segundo**  
**indicadores comportamentais dos eleitores**  
**Brasil – 2010**



Fonte: Ibope/CBL, 2010.

em que a variável dependente é formada por pares de comparação entre os três candidatos e tomando Serra como categoria de referência para a comparação com as demais candidatas. As variáveis independentes são todas aquelas consideradas nos modelos anteriores, ou seja, as informa-

ções sobre os eleitores, características pessoais e comportamentais, e as características dos candidatos, todas tomadas como variáveis categóricas. As variáveis que se apresentaram como fatores importantes no modelo, com significância estatística, e as estimativas de qualidade do ajuste do melhor modelo de efeitos principais<sup>4</sup> são mostradas na Tabela 4. Como se pode observar, as oito variáveis selecionadas, que indicam quais as características que descrevem melhor o perfil dos eleitores com intenção de voto declarado para presidente nas eleições de 2010, foram, em ordem decrescente de significância estatística: se o eleitor votaria em candidato indicado pelo presidente Lula; se votaria em mulher; indicador de aprovação do governo de Lula; religião do eleitor; fator de comportamento de gênero na sociedade; se leva em consideração a experiência política, a religião e a opção sexual do candidato. Este modelo, uma vez que inclui variáveis comportamentais, tem um bom ajuste, explicando mais de 40% da variabilidade dos dados. Entretanto, mais importante do que isto é o percentual de casos preditos corretamente, que é de 76% no geral, com 91,6% de acerto para Dilma, 69,8% para Serra e 22,4% para Marina.

As razões de chances de intenção de voto em Dilma comparadas às de Serra e as de Marina comparadas às de Serra dão importantes informações sobre o perfil dos eleitores destes candidatos nas eleições de 2010. Estas razões de chances são apresentadas na Tabela 5 e a análise que se segue é feita com base nestes dados. O primeiro fato que chama atenção é a estimativa de razão de chances de intenção de voto em Dilma, para eleitores que disseram que votariam em qualquer pessoa indicada por Lula, comparada com quem disse que não votaria de jeito nenhum, que é de 262,8 vezes maior para Dilma do que em Serra. Isto deve-se ao fato de que o presidente Lula, em exercício no momento da campanha, explicitamente apoiou a candidata Dilma, inclusive assumindo como se o voto nela fosse um voto em si mesmo. Mesmo quem respondeu que votaria dependendo da pessoa, tem quase 61 vezes mais chance de votar em Dilma do que Serra. Esta variável, de forma esperada, não mostra diferenciais tão importantes na comparação entre Marina e Serra, mas vale destacar que Marina tem 20% mais chances de intenção de votos do Serra entre eleitores que estão na categoria que votariam na indicação de Lula dependendo da pessoa.

Com relação a comportamento de gênero, duas variáveis dão indicações de como o eleitor se comporta com relação à intenção de voto.

---

<sup>4</sup> Este modelo foi selecionado a partir de um modelo *forward stepwise*, dado que o número de variáveis incluídas era muito grande.

**Tabela 4**  
**Estadísticas de qualidade do ajuste do modelo logístico multinomial de intenção de votos para presidente da República para os três candidatos com maiores intenções de voto (Dilma, Serra e Marina) dos eleitores segundo características pessoais e comportamentais**

Efeito	Critério de ajuste do modelo	Testes de razão de verossimilhança		
	-2 Log Likelihood	Chi-quadrado	df	Sig.
Intercepto	1784,13	0,00	0	.
Considera a religião do(a) candidato(a)	1792,68	8,55	2	0,014
Considera experiência política	1796,43	12,30	2	0,002
Considera opção sexual do(a) candidato(a)	1792,41	8,28	2	0,016
Religião do(a) eleitor(a)	1804,18	20,06	4	0,000
Aprovação do governo de Lula	1818,44	34,31	4	0,000
Votaria em mulher	1915,86	131,73	6	0,000
Votaria em indicação de Lula	2561,73	777,60	6	0,000
Fator de gênero na sociedade	1796,45	12,32	4	0,015
Modelo somente com intercepto	3151,59			
Modelo final	1784,13	1367,46	30	0,000
Pseudo R2 (%)	Cox e Snell	Nagelkerke	McFadden	
	56,1	66,0	43,4	
Observado	Predito			Percentual Correto
	Dilma	Serra	Marina	
Dilma	865	59	20	91,6
Serra	125	347	25	69,8
Marina	70	100	49	22,4
Percentual geral	63,9	30,5	5,7	76,0

Fonte: Ibope/CBL, 2010.

A variável com o segundo maior poder de explicação no modelo, como mencionado, é se o eleitor votaria ou não em mulher para presidente da República. Vale lembrar que quase 84% dos eleitores entrevistados afirmaram que votariam em mulher para presidente. Um eleitor que votaria em mulher tem 30,8 vezes mais chance de ter votado em Dilma do que aquele que declarou que não votaria, em comparação com Serra. Esta mesma razão de chances para Marina é de 36,8 vezes, mostrando uma propensão um pouco maior de votos em Marina como mulher do que em Dilma. O outro indicador é o grau de conservadorismo de gênero na sociedade, indicando que um eleitor mais liberal tem 1,76 vez mais chance do que um mais conservador de votar em Dilma do que em Serra e quase duas

**Tabela 5**  
**Estatísticas de ajuste do modelo logístico multinomial de intenções de voto para presidente da República para os três candidatos com maiores intenções de voto (Dilma, Serra e Marina), com Serra como categoria de comparação, segundo características pessoais e comportamentais dos eleitores**  
**Brasil – 2010**

Características	Modelo Dilma/Serra			Modelo Marina/Serra		
	Exp(B)(1)	(Wald)	Sig.	Exp(B)(1)	(Wald)	Sig.
Intercepto		(42,22)	0,000		(22,14)	0,000
Considera a religião do candidato						
Sim	0,90	(0,20)	0,654	1,79	(6,06)	0,014
<i>Não</i>	1,00			1,00		
Considera experiência na política						
Sim	0,48	(5,78)	0,016	0,39	(10,96)	0,001
<i>Não</i>	1,00			1,00		
Opção sexual do candidato						
Sim	1,24	(0,79)	0,375	1,93	(8,25)	0,004
<i>Não</i>	1,00			1,00		
Religião do eleitor						
NS/NR	1,19	(0,30)	0,587	0,97	(0,01)	0,907
Católica	0,87	(0,49)	0,483	0,46	(16,11)	0,000
<i>Não-católico</i>	1,00			1,00		
Aprovação do governo Lula						
Ótima e boa	3,18	(3,17)	0,075	1,95	(2,67)	0,102
Regular	0,76	(0,16)	0,689	1,48	(0,86)	0,355
<i>Péssima e ruim</i>	1,00			1,00		
Votaria em mulher						
NS/NR	5,36	(5,07)	0,024	8,88	(5,73)	0,017
Depende	7,26	(7,44)	0,006	13,47	(9,23)	0,002
Votaria	30,85	(34,54)	0,000	36,79	(24,11)	0,000
<i>Não votaria</i>	1,00			1,00		
Votaria em indicação de Lula						
Outro/NS/NR	5,88	(26,67)	0,000	1,67	(3,40)	0,065
Votaria em qualquer pessoa	242,09	(262,81)	0,000	0,77	(0,35)	0,554
Votaria dependendo da pessoa	8,78	(60,73)	0,000	1,20	(0,77)	0,379
<i>Não votaria de jeito nenhum</i>	1,00			1,00		
Fator gênero na sociedade						
Mais liberal	1,76	(5,64)	0,018	1,97	(7,27)	0,007
Moderado	1,61	(4,25)	0,039	1,28	(0,96)	0,327
<i>Mais conservador</i>	1,00			1,0		

Fonte: Ibope/CBL, 2010.

(1) Exp(B) é a razão de chances da categoria de referência comparada à categoria de análise. As categorias das covariáveis utilizadas como referência estão indicadas em itálico.

vezes mais chance de votar em Marina do que em Serra. Este resultado mostra que os mais liberais têm probabilidade maior de votar em Marina, depois em Dilma e, em seguida, em Serra.

O legado de um bom governo sempre se reflete de maneira positiva em uma reeleição ou na eleição de candidato indicado pelo partido de situação. O indicador de aprovação do governo Lula como ótimo ou bom vai na direção de confirmar este fato. Assim, o eleitor que declarou ter boa avaliação do governo tinha três vezes mais chance do que aquele que tinha avaliação péssima ou ruim de ter a intenção de votar em Dilma do que no seu maior oponente. O contrário ocorre com aqueles que tinham avaliação regular, os quais possuíam 24% menos chance dar votos a Dilma do que ao Serra. A candidata Marina também se beneficiou com a situação de aprovação do governo da situação, pois a chance entre os que declaravam aprovação ótima ou boa era de 1,95 vez mais do que votar em Serra e, mesmo entre aqueles que declaram ser um governo regular, Mariana tinha 1,46 vez mais chance de ter intenção de votos do que o Serra.

A única variável de característica pessoal do eleitor que permaneceu como significativa no modelo foi sua religião, agrupada basicamente em duas categorias: católicos e não-católicos. Nesta situação, Serra levou vantagem em relação às suas duas oponentes. Um eleitor católico, comparado com o não católico, tinha 13% menos chance de votar em Dilma do que em Serra e 54% menos chance de votar em Marina do que em Serra. Entre os não-católicos, sabe-se que a grande maioria compreende aqueles que se declararam evangélicos. Desta forma, analisando por outro prisma, os não-católicos (ou evangélicos) declararam maior intenção de votos em Marina do que nos demais candidatos.

Interessante que a religião também aparece no modelo como característica do candidato levada em consideração pelo eleitor no momento de decidir seu voto para Presidência do país. Neste caso, a candidata Dilma apresenta desvantagem em comparação a Serra, enquanto Marina leva vantagem por causa de sua religião. No caso de Dilma, se o eleitor considerava esta característica como importante para definir seu voto em comparação com quem não considerava, ela tinha 10% menos chance de receber uma intenção de voto do que o Serra. Já para Marina, se o eleitor considerava a religião do candidato uma característica importante na decisão do voto, ela tinha 1,79 vez mais chance de receber voto do que o Serra.

Outras duas características do candidato que aparecem no modelo como significantes são a experiência política e a opção sexual. No caso da

primeira, Serra leva vantagem em relação às demais candidatas. Quando comparada com Serra, Dilma possuía 52% menos chance de receber intenção de votos se o eleitor declarou que a experiência política era importante e Marina tinha 61% menos chance do que Serra. Ou seja, ainda que Marina tivesse mais experiência política que Dilma (esta com maior experiência administrativa), na intenção de voto, o eleitor que considera a experiência política como importante na definição do voto deu um pouco mais de vantagem a Marina do que a Dilma. O candidato Serra, sem sombra de dúvidas, leva vantagem nesta situação em comparação às suas oponentes. Quanto à opção sexual, os resultados não são totalmente na direção que se esperaria. De fato, dado que Dilma tem maior intenção de votos entre os que levam e os que não levam em consideração a opção sexual do candidato, o resultado aponta que, entre os que levam em consideração, Dilma tinha 24% mais chance de receber intenção de voto do que Serra. No caso de Marina, esta chance aumenta para 93%.

### **Considerações finais**

A grande novidade do pleito presidencial de 2010 foi a eleição de uma mulher para a Presidência da República. Mas a eleição de Dilma Rousseff não foi o resultado de uma mobilização do movimento de mulheres e de uma efetivação das bandeiras feministas, embora a presença feminina no posto máximo da República possa trazer benefícios para a construção de uma sociedade com maior equidade de gênero.

Na verdade, o perfil da distribuição dos votos de Dilma Rousseff teve uma grande semelhança com os votos que o ex-presidente Lula teve nas eleições de 2006. Terron (2010, p. 5), analisando os territórios eleitorais, considera que “Em 2010, o padrão espacial da votação municipal da presidente eleita é muito semelhante ao padrão regional da reeleição do presidente Lula, em 2006”. Apesar de o modelo espacial não garantir que houve transferência de votos do governo e do presidente Lula para a candidatura governista, os dados de intenções de voto analisados aqui mostram que esta transferência foi muito grande.

De modo geral, a candidata do PT – mesmo apresentando elevados índices de apoio em todos os segmentos sociais nas eleições de 2010 – teve maior proporção de intenções de voto entre os seguintes segmentos: os eleitores de baixa renda (“classes” C, D e E); os de menor escolaridade (Dilma só perdia entre os eleitores de nível universitário); entre os homens; entre aqueles que se declararam católicos; os adultos de 25 a 59 anos; os

moradores das Regiões Norte e Nordeste do país; e os beneficiários dos programas de transferência de renda. Ou seja, o eleitorado de Dilma Rousseff, em 2010, tinha grande semelhança com o eleitorado de Lula, em 2006.

De fato, o modelo logístico multinomial mostrou que a variável com maior poder de explicação das intenções de voto declaradas para a Presidência da República foi se o eleitor votaria em candidato indicado pelo presidente Lula. O carisma do ex-presidente e os bons índices da avaliação do governo reforçaram o desejo de continuidade da administração anterior. O resultado foi como uma reeleição do projeto político do governo, no qual a candidata Dilma era figura proeminente.

Contudo, este quadro geral não deve ofuscar a existência de outras variáveis que são importantes na decisão do voto. Por exemplo, as questões de gênero foram importantes para a definição da intenção de voto a presidente. O sexo do candidato não apareceu como importante na definição do voto. No entanto, a informação se votaria em mulher apresentou correlação significativa. É fato que esta pode ter tido pouca importância no resultado da eleição, pois poucos eleitores declararam que não votariam em mulher. Entretanto, esta variável é a segunda mais importante na comparação entre votos de Serra e as duas outras candidatas.

Evidentemente, existem forças conservadoras na sociedade brasileira, mas não houve uma opção em bloco favorável ou desfavorável por um determinado projeto político, mas indicadores de gênero e comportamento social aparecem favorecendo mais um ou outro candidato. O indicador de gênero vinculado a comportamento social de homens e mulheres mostra que os mais liberais tendiam a ter intenção de voto maior em Dilma e Marina do que em Serra. Outros indicadores de gênero, como fator de gênero na política e fator de homossexualismo e aborto, que classificam os eleitores em conservadores ou mais liberais, e o fator de boa governança com mulheres, que indica se esta aumentaria ou não com mais mulheres no poder, não tiveram influência significativa nas intenções de votos. Os demais indicadores que classificam os eleitores com relação à convivência com a corrupção, preferência por regime democrático e indicador de consciência racial, que colocam os eleitores em categorias mais liberais e moderadas do que nas conservadoras, não apresentaram relevância na definição do voto para presidente em 2010.

Vale mencionar que o indicador de homossexualismo e aborto é o que classifica a sociedade como mais conservadora do que qualquer outro indicador. De fato, a abordagem de alguns temas a partir das características dos candidatos mostrou que a orientação sexual e a religião do candidato

tenham relação significativa, aumentando a chance de Dilma e Marina em relação à orientação sexual e favorecendo Marina em relação à sua religião. Singer (2009), com base na eleição de 2006, mostrou que a adesão do subproletariado ao lulismo significou um apoio do “conservadorismo popular” à candidatura governista, colocada mais à esquerda do espectro político. Os resultados encontrados para 2010 confirmam que o conservadorismo moral, ainda presente no eleitorado brasileiro, não se alinhou de maneira integral e em bloco a uma ou outra candidatura presidencial, embora as candidaturas femininas tenham atraído maior percentual de votos não conservadores.

O comportamento de gênero olhado a partir de outra perspectiva, o sexo dos eleitores, mostra que homens e mulheres votam de forma diferenciada. As mulheres apresentaram maiores índices de não definição do voto (não sabe, nulo e branco) e eram maioria entre os eleitores de José Serra e Marina Silva e minoria entre os que declaravam votos em Dilma Rousseff. Além disso, a intenção de voto dos homens está mais associada ao seu grau de instrução, religião e recebimento de programa social e a intenção de voto das mulheres está mais relacionada à “classe social” a que pertence, região onde mora, idade e frequência religiosa.

A literatura da ciência política brasileira mostra que as pessoas beneficiárias do Programa Bolsa Família (PBF) votam em maior proporção na candidatura governista. Mas uma novidade apresentada neste capítulo, com base no *survey* realizado pelo Ibope, é que os homens das famílias beneficiárias do PBF apresentaram maiores índices de intenção de voto na candidata Dilma Rousseff do que as mulheres que são, em sua ampla maioria, titulares dos benefícios do PBF. A possível causa deste fenômeno é o fato de as condicionalidades do PBF estarem sobrecarregando a responsabilidade das mulheres na família e reforçando a tendência de desresponsabilização dos homens com o cuidado e a criação de seus filhos.

Não é possível resumir nestas conclusões todos os resultados dos modelos multivariados. O que se pode notar nos resultados do *survey*, levado a campo pouco antes da realização do primeiro turno das eleições de 2010, é que o processo de definição de voto passa por complexas relações sociais e por inúmeras variáveis que expressam a transversalidade de gênero, geração, classe, religião, espaço, etc. As duas mulheres que disputaram com sete homens as eleições presidenciais de 2010 tiveram cerca de dois terços dos votos (67%) e este número indica que a maioria do eleitorado brasileiro estava preparada para a presença feminina no cargo máximo do Poder Executivo.

O Brasil possui uma sociedade complexa e extremamente desigual. Porém, a eleição da primeira mulher presidenta do Brasil mostrou que o país, embora ainda marcado por diferenças na inserção e na representação entre os sexos, tem avançado no rumo de uma sociedade com maior equidade de gênero.

## Referências

ALMEIDA, A. C. **A cabeça do eleitor**. São Paulo: Record, 2008.

ALVES, J. E. D.; CAVENAGHI, S. M. Dinâmica demográfica e políticas de transferência de renda: o caso do programa Bolsa Família no Recife. **Revista Latinoamericana de Población**, v. 3, p. 165-188, 2009.

ARAÚJO, C. Gênero e acesso ao Poder Legislativo no Brasil: as cotas entre as instituições e a cultura. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 2, p. 23-59, jul.-dez. 2009.

ARRIAGADA, I.; MATHIVET, C. Los programas de alivio a la pobreza Puente y Oportunidades. Una mirada desde los actores. **Serie Políticas Sociales**, Santiago de Chile, Cepal, n. 134, abr. 2007.

BOHN, S. R. Evangélicos no Brasil: perfil socioeconômico, afinidades ideológicas e determinantes do comportamento eleitoral. **Opin. Pública**, Campinas, v. 10, n. 2, out. 2004.

CARREIRÃO, Y. de S. A eleição presidencial de 2002: uma análise preliminar do processo e dos resultados eleitorais. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 22, p. 179-194, jun. 2004.

GUEDES, R. Eleições presidenciais 2010: ruptura ou consolidação do pacto social? **Em Debate**, Belo Horizonte, v. 2, n. 5, p. 12-14, maio 2010.

HOSMER, D. W.; LEMESHOW, S. **Applied logistic regression**. 2nd ed. New York: John Wiley and Sons, 2000.

HUNT, E. B.; MARIN, J.; STONE, P. J. **Experiments in induction**. New York: Academic Press, 1966.

LOURENÇO, L. C. **Abrindo a caixa-preta**: da indecisão à escolha a eleição presidencial de 2002. Tese (Doutorado em Ciências Políticas e Sociologia) – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

OLIVEIRA, A. Pesquisas, estratégias eleitorais e a disputa presidencial de 2010. **Em Debate**, Belo Horizonte, v. 2, n. 5, p. 6-11, maio 2010.

PIERUCCI, A. F.; PRANDI, J. R. Religiões e voto: a eleição presidencial de 1994. **Opinião Pública**, v. 3, n. 1, p. 20-43, jun.1995.

RENNÓ, L.; CABELLO, A. As bases do lulismo: a volta do personalismo, realinhamento ideológico ou não alinhamento? **Revista Brasileira de Ciência Política**, v. 25, n. 74, out. 2010.

REIS, F. W. Identidade política, desigualdade e partidos brasileiros. **Novos Estudos**, São Paulo, Cebrap, n. 87, jul. 2010.

SILVEIRA, F. E. A dimensão simbólica da escolha eleitoral. In: FIGUEIREDO, R. (Org.). **Marketing político e persuasão eleitoral**. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, 2000.

SINGER, A. **Esquerda e direita no eleitorado brasileiro**. São Paulo: Edusp, 2000.

\_\_\_\_\_. Raízes sociais e ideológicas do lulismo. **Novos Estudos**, São Paulo, Cebrap, edição 85, dez. 2009.

TERRON, S. L. Cartografia e análise política: mapas políticos ou a política em mapas? **ComCiência**, Revista Eletrônica de Jornalismo Científico, Rio de Janeiro, SBPC, n. 123, 10/11/2010.

TERRON, S. L.; SOARES, G. A. D. As bases eleitorais de Lula e do PT: do distanciamento ao divórcio. **Opinião Pública**, Campinas, v. 16, n. 2, p. 310-337, nov. 2010.